

---

## **“ZOAR” “FICAR” “NAMORAR” SOCIABILIDADES JUVENIS EM CAMPINA GRANDE-PB (1990-2010)**

Regina Coelli Gomes Nascimento  
Tutora PET - História  
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
[reginacoelli2@yahoo.com.br](mailto:reginacoelli2@yahoo.com.br)

Este estudo surgiu durante a realização da pesquisa intitulada “Nas tramas discursivas das grades educacionais: um estudo sobre a identidade estudantil em Campina Grande”<sup>1</sup> Na época percebemos que o volume de informações sobre as novas cartografias amorosas e formas de sociabilidades dos jovens campinenses não foram suficientemente analisadas, necessitando de pesquisas e análises. Em virtude da pesquisa ainda está em andamento e não poderemos apresentar conclusões optamos por mapear os caminhos metodológicos que estão sendo seguidos para alcançarmos os objetivos propostos.

Os estudos sobre juventude no Brasil ganham visibilidade, principalmente, a da década de 1950 quando os jovens eram considerados rebeldes sem causa. Nas décadas de 1960 e 1970 a juventude era caracterizada como uma vanguarda revolucionando a cultura, a política, as artes, etc. Mas também como um “problema” a ser resolvido, controlado, dominado.<sup>2</sup> Segundo Abramo:

Foi somente depois, quando tais movimentos juvenis já estavam entrando num refluxo, que a imagem dessa juventude dos anos 60 foi reelaborada e assimilada de uma forma positiva, generalizando a ótica da minoria que neles depositava tipos de esperança: a imagem dos jovens dos anos 60 plasmou-se como de uma geração idealista, generosa, criativa, que ousou sonhar e se comprometer com a mudança social. (ABRAMO, 1997, p.31)

---

<sup>1</sup> Este projeto foi iniciado no ano de 2007 e busca investigar a construção das identidades dos estudantes de Campina Grande-Estado da Paraíba, no período compreendido entre 1970 a 1996. PIBIC/UFCG

<sup>2</sup> Na década de 1970 acentuam-se as pesquisas voltadas para o entendimento acerca da juventude, especialmente, a partir dos acontecimentos ocorridos no ano de 1968, envolvendo jovens na Europa e no mundo inteiro demonstrando insatisfações contra as guerras, desemprego, pobreza, desigualdades sociais, por uma nova cultura e por uma nova vida.

Enquanto os jovens dos anos 1980 em oposição à geração anterior passam a ser considerados como individualistas, indiferentes às questões sociais e consumistas. E a partir dos anos de 1990, passou-se a denominar os jovens de geração *shopping center*, sendo também associados a atos de violência e desregramento emocional, social e desvios de comportamento. De um modo geral as questões relacionadas com os jovens estão presentes no cotidiano simbolizando os dilemas do homem contemporâneo que através das fissuras, desvios e subjetividades deslizam construindo identidades multifacetadas.

Do ponto de vista histórico a juventude é entendida como uma construção social e cultural, não podendo ser definida segundo critérios exclusivamente biológicos ou jurídicos, ela é investida de outros valores e de transitoriedade, não se é jovem, se está jovem, pertencer à determinada faixa etária é uma condição provisória do sujeito. As novas discussões acerca da distinção entre “níveis de maturidade”, “Idade geracional” e “idade cronológica”, permitem, segundo Fortes, pensar sobre *o apagamento das idades como um marcador importante das experiências vividas e, por outro lado e ao mesmo tempo, a transformação das idades em um mecanismo privilegiado na criação de atores políticos e na definição de novos mercados de consumo*. (DEBERT, 2004, p. 42). Essa elasticidade na forma de pensar sobre a vida humana permite compreender a heterogeneidade das experiências vivenciadas pelos sujeitos. Em contraponto a parâmetros que definiam comportamentos a partir do enquadramento em faixas etárias. Nesse sentido, o conceito de geração proposto por Kriegel é esclarecedor ao considerar que:

Ela implica um conjunto de mudanças que impõe singularidades a determinadas gerações pelos seus costumes e comportamentos, a exemplo da geração do pós-guerra, da televisão, de 68. A geração é menos marcada pela idade das pessoas que a compartilham do que pela vivência de determinados eventos que marcam trajetórias passadas e futuras. (DEBERT, 2004, p. 52)

Esta afirmação nos remete a pensar a questão das relações geracionais e da periodização e classificações acerca da juventude enquanto um estilo de vida que é vivenciado de formas diferenciadas pelos sujeitos na condição de pais, filhos, filhas, irmãos, irmãs, etc. As experiências são resignificadas a partir do lugar social e não de

---

uma seqüência evolutiva e linear. Os limites e fronteiras das identidades definidas como juvenis e os valores e lugares sociais que ocupam no momento em que se constituem nos impulsionam a pensar acerca dos processos de diferenciação e de homogeneização, que produzem princípios de ordenações, hierarquias e oposições.

Nesse sentido ao pesquisar sobre Pesquisar sobre a construção social e histórica da juventude em Campina Grande - PB, nas décadas de 1980 a 2010 acerca dos espaços de sociabilidades, do amor, da sexualidade, do ficar e do namorar devemos levar em consideração que a Juventude não corresponde a um período da vida que seria universal, seguindo os mesmos padrões, com problemáticas semelhantes, numa progressão linear, vivenciado de forma semelhante por todos os indivíduos; compreendemos seu caráter fugidio e sua infinita complexidade enredada em múltiplas direções, sua duração, permanência e continuidade depende das abordagens e estudos. Assim, a juventude é entendida nesta pesquisa como uma construção social e cultural, não podendo ser definida segundo critérios exclusivamente biológicos ou jurídicos, ela é investida de outros valores e de transitoriedade, não se é jovem, se está jovem, pertencer à determinada faixa etária é uma condição provisória do sujeito.

O período que pretendemos estudar foi marcado pela ditadura militar e por discursos que contribuíram para dar sentido a um perfil identitário de valorização da Pátria, de seus símbolos e, em especial, a constituição de homens mulheres a ela assujeitados. Também percebemos uma série de investimento dos meios de comunicação de massa na divulgação de produtos, na discussão sobre comportamento, moda, estilo de vida, esporte, lazer, problemas sociais, violência, desemprego, etc. promovendo um reordenando no entendimento sobre a vida dos seres humanos dando visibilidade à juventude. A partir dessa formulação, constituímos as seguintes questões que nortearão esta pesquisa: Quais as articulações discursivas que produzem sentidos aos termos idade, maturidade e jovialidade, trazendo efeitos de diferenciação? Como foram se redefinindo os sentidos e as relações e práticas de construção das trajetórias dos sujeitos considerados jovens? Quais as estratégias utilizadas pelos sujeitos para se apropriar dos novos signos que representavam rebeldia e liberdade? O que os jornais locais divulgavam sobre o cotidiano dos jovens na cidade? Como eles aparecem nas charges e fotografias publicadas nos jornais? Quais os significados atribuídos às

---

escolhas dos sujeitos com relação ao vestuário, estilos musicais e comportamento sexual? Como esses comportamentos interferiram na construção das identidades dos jovens campinenses? Quem eram o que desejavam e o que faziam os jovens campinenses para construir novos lugares de lazer e sociabilidades? Estas e outras indagações não foram suficientemente analisadas e nos chamam atenção em função do desafio que a ação do historiador enfrenta atualmente na melhoria da qualidade do ensino, da pesquisa e na construção de um sujeito problematizador das narrativas históricas.

A escolha pelo recorte temporal, as décadas de 1960 e 1970, justifica-se porque nesse momento percebe-se um investimento para a construção de identidades juvenis, de acordo com os valores morais e espirituais defendidos pelos militares. Os jovens passam a ser considerados como um ameaça a organização da sociedade ao questionarem a ordem política, cultural, moral estabelecida e desencadear uma série de atos que buscavam provocar mudanças na sociedade. Este sentimento de transformação e mudanças provocou reações em diversos segmentos da sociedade, a exemplo dos militares, que através da censura e do controle do aparato político e militar elaboraram estratégias para disciplinar os jovens. Assim, o sujeito deveria ser preparado para tornar-se, quando adulto, um homem “disciplinado” afastado dos males que poderiam atacá-lo e debilitá-lo. Desta forma os rituais cívicos eram justificados pela necessidade dos estudantes vivenciarem situações que os colocassem diante de fatos representativos da História do Brasil “A festa da independência pertence ao povo e, particularmente a infância e a juventude, por suas vibrações que exprimem a confiança nos destinos do país”. (Calmon, 1974, P. 105) Os contatos com esses eventos proporcionariam a “tomada de consciência” sobre a missão de cada geração para engrandecimento da nação. Para dar visibilidade a estes discursos são instituídos investimentos nas práticas educacionais, psicológicas, higiênicas, morais, etc., direcionadas para disciplinar e ordenar este segmento da sociedade.

Dessa forma, é importante observar quais foram às temáticas, as imagens e os enunciados que foram mais recorrentes nas escritas dos jornais locais sobre os jovens. Procuraremos, assim, perceber os periódicos como um espaço de discursos plurais, percebendo suas singularidades e descontinuidades. Neste projeto concebemos a

juventude enquanto uma construção discursiva constituída a partir da linguagem instituindo os sentidos que damos as coisas que acontecem no mundo “as linguagens que utilizamos estão profundamente implicadas na instituição de práticas e na constituição de identidades sociais.” (BUJES, 2005, p. 186) Assim, a seleção dos discursos será o passo inicial, mediando-os tematicamente para perceber como foram tecidas as relações de poder<sup>3</sup>. O objeto será estudado a partir da formação discursiva, partindo do lugar social, de práticas disciplinares e vivências.

O registro da oralidade terá como intuito entender algumas experiências<sup>4</sup> pessoais vivenciadas por jovens da época. Através de suas falas, analisaremos as mudanças ocorridas nos processos de aquisição, transmissão e (re) elaboração do conhecimento dos entrevistados. Trata-se também de uma reflexão acerca do sentido da juventude enquanto vanguarda cultural, mas também como um “problema” a ser resolvido. Entendemos que o trabalho com a história oral é fundamental para compreendermos os significados das experiências vivenciadas pelos sujeitos envolvidos e o modo como constroem e reconstróem suas identidades.

Utilizaremos a oralidade nesta pesquisa por compreendermos a importância das falas dos sujeitos que vivenciaram suas experiências juvenis na cidade de Campina Grande e como são (re) significados no presente suas experiências. Inicialmente não estabeleceremos o número de entrevistados, a escolha será realizada a partir de contatos com. Apresentaremos a proposta e, de acordo com o interesse e a disponibilidade, marcaremos o horário da entrevista. Após a realização das entrevistas, será realizada a transcrição e análise das mesmas.

O Plano de Trabalho pautado foi concebido em consonância com as concepções históricas e historiográficas que valoriza as fontes históricas como discursos e os sujeitos como produtos de práticas discursivas. Assim, a análise do discurso é o viés metodológico e Rosa Fischer<sup>1</sup> colocou-se como leitura indispensável para discursivamente pensarmos o objeto pesquisado, assim como Michel Foucault e sua

---

<sup>3</sup> O poder aqui é expresso como formas díspares em constante transformação, como prática social constituída historicamente e funcionando como rede de dispositivos ou mecanismos a que não existe exterior possível. O poder deve ser analisado como algo que circula e funciona em cadeia. Cf. FOUCAULT, 1981, p. 182

<sup>4</sup> Experiência - me refiro as narrativas que os entrevistados vão dar às subjetividades de si neste período, tendo como foco de análise as práticas educativas.

contribuição metodológica quanto ao discurso e à formação discursiva. A análise de discurso será, portanto, a via metodológica que nos fará compreender as informações pesquisadas nos periódicos e nas falas dos entrevistados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In. **Revista Brasileira de Educação**. Mai/jun/jul/Ago 1997. Nº 05 - Set/Out/Nov/Dez 1997 Nº 6.
- ARAÚJO, Ana Lúcia et al. **História Oral do Movimento Estudantil em Caicó (1968-1975)**. Caicó, 1999. Relatório do Projeto de Pesquisa (Curso de História) – Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso**: Introdução à filosofia da Linguagem. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BOSI, Éclea. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A . Queiroz/Edusp. 1983.
- BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Infância e poder: breves sugestões para uma agenda de pesquisa. In. COSTA, Marisa Vorraber e BUJES, Maria Isabel Edelweiss. (Org.). **Caminhos Investigativos III**: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP& A, 2005.
- DE CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. 2 ed., Rio de Janeiro: Forense, 1996
- DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice**: Socialização e Processos de Reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. A análise do discurso: Para além de palavras e coisas. In Educação & Realidade. V.1, N.1 (fev. 1976). Porto Alegre: Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Petrópolis: vozes, 1996 .
- LOURO, Guacira Lopes (1999). **O corpo educado**. Belo Horizonte: autêntica. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Tradução Lolio L. de Oliveira. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1992.